
René Char

Entrevista à BBC

Guenádi Aigui

Tradução e Nota Introdutória de BÓRIS SCHNAIDERMAN

NOTA DO TRADUTOR

Guenádi Aigui é, sem dúvida, um dos maiores poetas russos contemporâneos. De nacionalidade tchuvache, povo da região do Volga de pouco mais de um milhão e meio de habitantes, nasceu em 1934. Publicou seus primeiros livros de versos em tchuvache. Estabelecendo-se em Moscou, cursou o Instituto Máximo Górkí de Literatura Mundial e foi colega de alguns dos poetas que ficariam mais em evidência na década de 60, passando também a escrever em russo.

Esteve bastante ligado a Pasternak e, quando este caiu em desgraça, após ganhar o prêmio Nobel de Literatura de 1958, sofreu algumas conseqüências. O livro com a tradução de seus poemas tchuvaches, que apresentou como trabalho de conclusão do curso, foi atacado publicamente por A. Jarov, um dos poetas da velha geração.

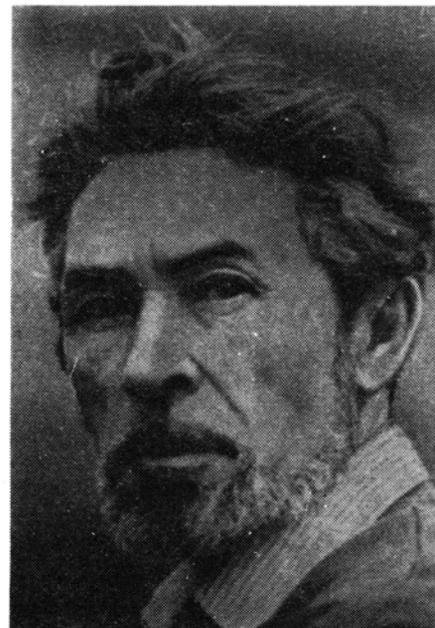
Durante cerca de 30 anos, não conseguia publicar quase nada em russo na União Soviética, embora seus versos tchuvaches continuassem a circular, bem como diversas traduções para o tchuvache, entre as quais teve grande repercussão uma antologia da poesia francesa que ele organizou, publicada em 1968. Recebeu então um prêmio da Academia francesa, mas não foi autorizado a ir recebê-lo em Paris. Outra antologia sua, "Poetas da Hungria", 1974, foi premiada pela Agência Literária, Teatral e Musical da Hungria, porém mais uma vez ele não pôde ir receber o prêmio.

Conhecido no Exterior na década de 60, devido a traduções de seus versos para o polonês, o tcheco, o servo-croata e o húngaro, continuava sendo então na Rússia um ilustre desconhecido, que sofria grandes dificuldades materiais.

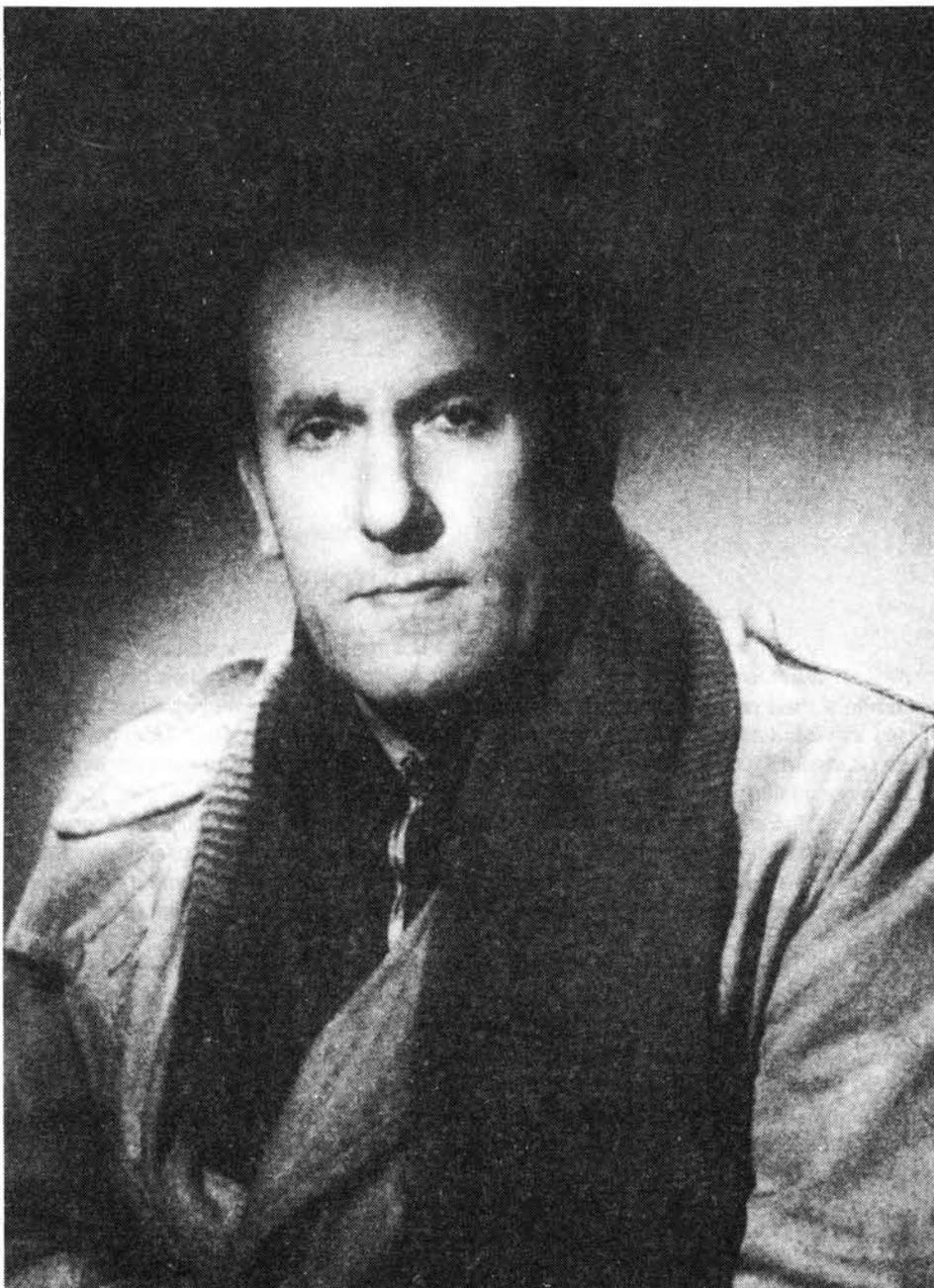
Um passo importante para a divulgação dos seus textos no Ocidente foi a inclusão de um bom número de seus poemas na antologia brasileira Poesia russa moderna, que pude publicar com Augusto e Haroldo de Campos em 1968 (Editora Civilização Brasileira), e que saíria ampliada em 1985, pela Brasiliense. A década de 70 ficaria marcada por algumas publicações de versos seus em russo no Ocidente, bem como por diversas coletâneas suas em línguas ocidentais. Foi decisivo neste sentido o trabalho do escritor e poeta francês Léon Robel, sendo atualmente o francês a língua ocidental em que Aigui está mais divulgado.

Como não poderia deixar de acontecer, a glasnost marcaria uma virada radical em seu destino e na divulgação de sua poesia. Publicado em diversas revistas de grande circulação, recebeu também vários prêmios literários. E, em 24 de janeiro de 1988, realizou-se em Moscou uma noite em sua homenagem, quando foi saudado por algumas das figuras mais em evidência no mundo cultural soviético. Ademais, nos últimos meses, pôde viajar à França e à Hungria.

Mesmo assim, não saiu até agora, que eu saiba, nenhum livro de poemas seus em russo. Continua também inédita na União Soviética uma vasta antologia de poesia tchuvache, que organizou e traduziu para o russo. Destinava-se de início a uma publicação em francês, que deveria sair sob o patrocínio da UNESCO; embora



Guenádi Aigui



René Char (1951)

as gestões para essa publicação tivessem durado de 1970 a 1976, o projeto fracassou. Mas, realmente, a divulgação da obra de Aigui tem ocorrido de modo bem tortuoso. Assim, a referida antologia apareceu em italiano, incluída nos Cadernos de Iranística, Uralo-Altaística e Caucásologia da Università degli Studi di Venezia (Cf. "Antologia Ciuvascia", de Gennadij Ajgi, Roma, Arti Grafiche Scalia Editrice, 1986). Assim, a poesia tchuvache, traduzida criativamente por Aigui, com aquele toque inconfundível de tudo o que ele publica em russo, transformou-se em material de estudo para italianos, enquanto os russos continuam a desconhecer esse trabalho realmente monumental de um poeta obcecado pelo projeto de tornar conhecida a poesia de seu povo minúsculo.

Vencidas as resistências dos burocratas empedernidos que evitavam a publicação de tudo o que não fosse estritamente canônico e não se enquadrasse nas normas de triunfalismo, continuam a existir resistências à ampla difusão de uma poesia difícil e nada imediatista. Algumas publicações soviéticas recentes permitem, no entanto, acreditar que mesmo estas resistências estão sendo vencidas.

BÓRIS SCHNAIDERMAN

EU PERDI NÃO SÓ UM GRANDE POETA, MAS TAMBÉM UM AMIGO, UM GUIA...

Entrevista dada por Guenádi Aigui à BBC, em 6 de março de 1988, a propósito da morte de René Char¹.

– Guenádi Nicoláievitch, o que poderia nos contar sucintamente sobre o seu convívio de poeta com René Char e que durou quase 20 anos?

– Entrei em contato com René Char em 1968. Quando saiu a minha antologia em tchuvache, “Poetas de França dos séculos XV a XX”, René Char foi o primeiro a reagir a essa edição. Ele reagiu copiando o endereço da editora em alfabeto cirílico, de modo um tanto desajeitado, e aquele precioso cartão, graças a Deus, me chegou às mãos; e o fato de que o maior poeta de França era o primeiro a me responder já me impressionou por si mesmo. Expressando em resposta a minha gratidão, escrevi a René Char que eu só possuía algumas publicações isoladas de sua obra. Ele começou então a me enviar todas as suas edições, acompanhadas freqüentemente de vistas de sua terra – Provença, Avignon, Vaucluse – e demos então início a uma ativa correspondência. Eu me dirigia a ele tratando-o de “Mestre”, sentia-me, em muito, seu discípulo e certa vez lhe expressei isto diretamente. Ele reagia a tudo com palavras surpreendentemente exatas, que me serviram de apoio nos períodos de um desespero nas trevas, quando minha palavra emudecia, cercada de um silêncio mortífero. E mais ainda, eu fui sentindo, pouco a pouco, em René Char não sei que desejo de me ligar à sua terra, à Provença, ao seu amado Sorgue, que souo para mim de modo simbólico. Eu senti que ele me presenteava com a sua terra. E eis que eu perdi em sua pessoa não só um poeta imenso de nossa época, o maior poeta da Europa, mas também um amigo, um guia. O amigo que, percebendo em mim certa vez uma confusão de sentimentos, escreveu-me: “Sejamos gratos à vida, pelo fato de que às vezes ela não é conosco tão exigente como se costuma pensar”. Quantas vezes eu me sentia bem e sem dificuldades com o mundo e a existência, ao lembrar estas sábias palavras de meu querido “Interlocutor à distância”.

– Guenádi Nicoláievitch, o que o atrai na poesia de René Char?

– Nos últimos decênios, ou, para dizer melhor, nos anos de após-guerra, ocorreu, talvez até de modo plenamente legítimo, a decadência da Palavra, como o *patrimônio mais essencial* do homem. A Palavra começou a degenerar e perdeu o seu sentido de força criadora suprema; e pouco a pouco, já nos nossos dias, a poesia transformou-se totalmente em retórica, num, pode-se dizer, jogo lingüístico fechado em si mesmo, quando surgiu o culto do desprezo pela vida, pelo mundo como tal, depois surgiu o culto do desespero – na realidade um pseudodesespero, pois sobre este calculado “desespero” faziam-se simplesmente grandes apostas de ordem bem terrena.

E eis que, em nosso mundo contemporâneo, quando a Palavra decaiu tanto e perdeu a sua dignidade, eu não consigo nomear um poeta que em toda a sua vida tenha conservado extraordinariamente a honra e a dignidade da Palavra Poética, a grandeza dessa Palavra, como o fez René Char. Ele foi um grande estóico, mas também um homem que não se reduzia a um só plano, e que certa vez reagiu assim à palavra “estóico”: “Ser estóico significa imobilizar-se e colocar a bela máscara de Narciso”. Ele repelia mesmo estas possibilidades de autodefinição, e neste sentido a sua luta espiritual era a mais elevada possível: se alcançava algo, ele como que imediatamente passava a lutar consigo mesmo e a cindir-se segundo a linha da verdade, era uma imensa vigilância, uma vigilância em nome do espírito em luta.

– René Char é um poeta hermético, é nada simples, e no entanto em França ele tem a reputação de um poeta reconhecido, um patriarca, pode-se dizer. Em que medida, na sua opinião, são conciliáveis semelhante hermetismo artístico e um amplo reconhecimento?

– Eu tive ocasião de refletir muito sobre esse tema, justamente em relação a René Char. A união da Palavra e da Vida, no seu caso, sempre se dava de modo estranho. A influência de René Char sobre toda a poesia européia sempre existiu e continuará existindo. Eu penso que a sua influência é ao mesmo tempo evidente e secreta. Penso que a sua influência secreta foi sempre muito maior que a outra. E isto me parece compreensível, pois em sua poesia, sem dúvida, oculta-se um grande segredo, com o qual nós justamente ligamos a palavra “hermetismo”. Quando os leitores deixam de respeitar a Palavra, não levam em conta a Palavra, a Palavra se respeita a si mesma e torna-se orgulhosa no bom sentido; ela não se fecha, ela adquire uma dignidade ain-

(1) A entrevista realizou-se por telefone, em russo, e as perguntas foram feitas por Igor Pomierantzev. O texto me foi enviado pelo autor. – N. do T.

da maior em si mesma, a Palavra Poética parece então dizer: "O caso não está em que se queira ou não se queira ter algo a ver comigo. Mas se quiserem isso, deverão ter comigo uma relação muito séria". Eu penso que o assim chamado "hermetismo" significa uma confiança no homem, mas confiança no *homem criador*, que se torna co-autor, co-poeta, um igual do poeta. Lendo René Char com muita atenção, verifica-se que ele nunca deixa de trazer luz a uma pessoa e presenteá-la com um brilho peculiar, de lhe trazer sabedoria. No fato de que semelhante personalidade e semelhante poeta, definido freqüentemente como "hermético", tenha alcançado um reconhecimento amplo, e se tenha tornado em vida uma glória nacional, nisso, creio eu, se encerra a circunstância de que a noção do *popular* na arte da palavra se tenha modificado no último meio século, ou até num período maior, e a meu ver radicalmente. O popular não significa o "eternamente" acessível, não é certa "clareza" engajada, destinada a um vasto público. O popular, e segundo me parece, justamente a obra de René Char demonstra isso, é um luzir complexo das raízes mais profundas da ética e da estética, conjugadas nas fontes da cultura nacional, e que se fazem sentir até hoje, quando as lembramos, quando desvendamos em nós mesmos a fidelidade a elas.

No meu entender, a obra de René Char, como a de ninguém mais, exige que se formule e se resolva de modo novo o problema do *popular* na arte poética – com uma nova profundidade e uma nova fundamentação teórica.

– *Você se dirigiu a René Char também com a palavra poética. Por exemplo, é conhecido o poema que lhe dedicou em 1970. Não poderia agora ler este seu poema para os nossos ouvintes russos?*

– Pois não, vou ler este poema: "Campo: no forte do inverno", vou lê-lo despedindo-me, agradecido, do poeta. No início, eu já me referi ao fato de que, nos anos de nosso convívio por correspondência, René Char foi me presenteando, cada vez mais, com imagens de sua terra, de sua região. E com o referido poema de 1970 eu quis, na medida das minhas possibilidades, presentear René Char, meu poeta francês predileto, com a imagem de minha terra – o bem único, o mais caro que eu podia trazer-lhe de presente.

ПОЛЕ: В РАЗГАРЕ ЗИМЫ

Рене Шару

бого-костер! — это чистое поле
все пропуская насквозь (и столбы верстовые и ветер и точки далекие мельниц: все более — будто из этого мира — как не наяву — удаляющиеся: о все это — искры — не рвущие пламя костра не-вселенского)
есмы — без следов от чего бы то ни было
не по-вселенски сияющий
бого-костер

Tradução de BÓRIS SCHNAIDERMAN

CAMPO: NO FORTE DO INVERNO A René Char

*fogueira-deus! — é o campo aberto
que se deixa atravessar totalmente por tudo (os marcos de estrada e o vento e os pontos distantes dos moinhos: parecem afastar-se — não em vigília — deste mundo:
oh! tudo isto são fagulhas — que não dilaceram a chama da fogueira não-universal)
— sem vestígios de nada,
fogueira-deus
que, não-universal, brilha.
1970*